

Brasil em miniatura

OSVALDO PERALVA

CORREIO BRAZILIENSE

21 JUL 1985

DF.

Para quem conhece Brasília somente através dos cartões-postais, das visitas ao Plano Piloto, das impressões colhidas na beleza arquitetônica e paisagística da cidade-monumento, há de parecer uma transfiguração diabólica o quadro desenhado pelo governador José Aparecido de Oliveira sobre uma parte do Distrito Federal, a das cidades-satélites.

Para uma população de mais de um milhão e meio de habitantes, quinhentos mil pertencem a famílias com menos de dois salários mínimos de renda mensal. Segundo o Dieese, o habitante dessas cidades-dormitórios gasta com transporte 26% de seu salário, percentual que se eleva até 50% nos setores de menor poder aquisitivo. A renda média per capita do Plano Piloto é sete vezes superior à de Brazlândia, Planaltina e Ceilândia. Há sessenta mil desempregados e um déficit de oitenta mil moradias. Cerca de 50% dos beneficiários do Programa de Nutrição em Saúde sofrem de desnutrição.

E estarrecedor. E, contudo, já vimos esse filme em alguma parte: no resto do Brasil. Daí a correta afirmação de que Brasília é uma síntese dos problemas nacionais.

O professor Celso Furtado, um dos mais lúcidos intérpretes da realidade brasileira, observa que quando a renda per capita nacional

era de quinhentos dólares, a do Nordeste só chegava a cinquenta. Quando a do Brasil chegou a mil dólares, a dos nordestinos subiu para cem, conservando a mesma humilhante proporção de 1 para 10.

No território da Sudene, que abrange os estados nordestinos e uma parte do norte de Minas, com 1 milhão e 600 mil km², encontram-se mais de trinta milhões de habitantes, quase um terço da população total do País, e apenas 7,6% da produção industrial brasileira. Resultado é que milhões e milhões de nordestinos, possuidores de uma renda baixíssima, rumam para São Paulo em busca de uma situação melhor, onde continuam a viver como cidadãos de segunda classe, povoadores das favelas e dos cortiços. Estimativas das Secretarias Municipais da Família e Bem-Estar Social e da Sehab (Habitação e Desenvolvimento Urbano) indicam que habitam hoje em dia em cortiços na cidade de São Paulo de dois e meio a três milhões de pessoas. E quanto a favelas, o assunto dispensa apresentação.

A mesma tentação migratória Brasília passou a constituir para os nordestinos, gerando problemas semelhantes aos de São Paulo, frutos dessa extrema desigualdade regional, agravada por uma política unilateral de desenvolvimento, sobretudo nestas duas últimas

décadas, que só via o lado econômico, com menosprezo do aspecto social.

Para o atual governo de Brasília o desafio maior é reverter essa tendência de aprofundamento do fosso entre o Plano Piloto e o resto. Mas essa solução não poderia nem pode ser alcançada se idêntica política não for adotada no plano nacional, porque a própria melhoria da qualidade de vida nas cidades-satélites representaria nova tentação para as populações mais carentes de outras regiões. Assim, Brasília representa uma miniatura do Brasil tanto em seus problemas como na possibilidade de suas soluções.

O fenômeno da desigualdade social possui uma amplitude planetária, e não é por acaso que milhões de latino-americanos penetram clandestinamente nos Estados Unidos e se deixam explorar por patrões inescrupulosos que sabem de sua situação ilegal. E maior não é ali o número de tais estrangeiros devido à vigilância nas fronteiras. Na Europa, por exemplo na Alemanha Ocidental e na Suíça, onde os seus cidadãos já não aceitam realizar serviços insalubres ou anti-higiênicos, as empresas recrutam mão-de-obra sem qualificação nas áreas mais subdesenvolvidas da Grécia, Turquia, Espanha, Portugal, sul da Itália. Denominam esses operários de

Gastarbeiter (trabalhadores-hóspedes) e os põem na porta da rua, quando não mais precisam deles, como em épocas de recessão.

Mas os migrantes nordestinos também são brasileiros e não podem ser colocados do outro lado da fronteira. Além disso, não temos por que esperar a solução de tais problemas em escala mundial para resolvê-los dentro de nossa casa.

As desigualdades maiores se verificam precisamente nos países mais atrasados. Em nações adiantadas, como na Europa, onde um poderoso movimento sindical e partidário impôs reformas fundamentais, uma situação como a que se vê em Brasília e no Brasil seria mais que escandalosa — seria uma obscenidade. Mesmo em países em desenvolvimento, como Formosa, onde vigora um sistema tão autoritário e de direita como esse de que estamos saindo, é inimaginável o quadro de miséria a que assistimos aqui. Sua renda nacional é uma das mais equitativamente distribuídas, e isso sem prejuízo do progresso econômico, tanto na agricultura como na indústria.

O Brasil é a única nação que se gaba de possuir o oitavo produto nacional bruto do mundo capitalista e comportar-se socialmente como algumas das mais subdesenvolvidas nações africanas. Realmente, não dá para prosseguir assim.